2.ª SERIE. TOMO V.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 17. QUINTA FEIRA, 4 DE NOVEMBRO DE 1852. 12.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

CAMINHO DE FERRO HYDRAULICO.

É um systema novo por Mr. L. D. Girard que o descreve nestes termos. — O novo modo de propulsão basea-se no principio da transmissão da potencia das quedas d'agua nas turbinas hydraulicas, que se denominou « principio do livre desvio da veia liquida : » Para realisar a sua applicação á propulsão nos caminhos de ferro, fixam-se por baixo da linha dos wagons duas series rectilineas de pás curvas, uma que serve de caminhar para diante e outra de caminhar para traz.

Ao comprido do caminho ha enterrado um grosso tubo de ferro, posto em communicação com bombas que são movidas ou por quédas d'agua ou por maquinas de vapor fixas, de maneira que subministram a agua em alta pressão, destinada a fazer marchar o comboy. As maquinas devem collocar-se a distancia de 20:000 metros uma da outra, termo medio. Sobre este tubo estão collocadas a distancias variaveis (100 metros pelo menos), seguindo o perfil do caminho, presas d'agua que terminam cada uma n'um distribuidor com dois canos dirigidos em oppostas direcções. Os jorros d'agua lançados pelos distribuidores actuarão sobre a concavidade das superficies curvas em serie rectilinea, estarão desviados sobre estas superficies formando quasi dois angulos rectos, e impellirão o trem segundo a direcção do cano ou conducto aberto.

Na Memoria escripta pelo auctor da-se a conhecer o modo de manejar os distribuidores para produzir a manobra do comboy na sua marcha para diante ou para traz, e para fazel-o partir ou parar.

Uma velocidade na marcha de 20 metros por segundo, correspondente a uma velocidade de 40 metros da agua motriz injectada, terá uma pressão effectiva de oito atmospheras no tubo. Sob esta pressão, um jorro de pequena dimensão, gastando 200 litros por segundo, desenvolverá a força de 160 cavallos, sufficiente para um trem de viajantes caminhando a rasão de 72 kilometros por hora por um caminho horisontal. Com esta velocidade de 20 metros por segundo, a caixa ou recipiente destribuidor deve abrir-se n'uma decima parte de segundo. A citada Memoria demonstra que póde satisfazer-se esta condição.

A velocidade do comboy poderá sustentar-se apezar das variações de pressão que pódem resultar do perfil ao longo do caminho. As principaes vantagens deste systema são:

1.º A força propulsiva, obrando regularmente e no proprio eixo do comboy, annulla os movimentos dos *enlaces* e outros donde resultará succederem menos saltos fóra dos carris, e menos fadiga e riscos para os viajantes.

2.º A suppressão da locomotora tambem evita os receios que ella causa; esta suppressão assegura uma larga duração ao material das vias ferreas existentes, e proporcionará fazel-o mais leve nas applicações do systema proposto.

3.º Supprindo os movimentos de *enlaces* e outros destroe-se um dos mais poderosos obstaculos ao augmento de velocidade. Chega-se ao mesmo fim pela suppressão do pezo morto da locomotora e de seu *tender*, pela facilidade de parar e de pôr em marcha o trem, porque não se perde tempo em tomar aguas e coke, e afinal

pela concentração da potencia propulsiva (com o auxilio de depositos de agua sufficientemente approximados) nos pontos em que se appresentam as maiores resistencias. Para isso se disporão recipientes de ar nos sitios convenientes para accumular a força das maquinas fixas, os quaes asseguram a regularidade do movimento das aguas que alimentam os distribuidores.

4.º O conductor do trem, collocado no primeiro wagon, póde facilmente por uma manobra analoga á de um timão produzir o andamento para diante ou para traz. Se se quer moderar a velocidade, póde passar-se sem abrir um ou muitos injectores; independente do freio, ha um meio de parar, fazendo obrar a agua em sentido inverso da marcha.

5.º Levando cada wagon suas duas pás curvas para a marcha progressiva ou retrograda, pódem regular-se os trens como se quizer; as manobras de estação chegam a ser mui faceis, e a maior parte dos planos giratorios se pódem supprimir.

6.º Pela facilidade de percorrer a via ferrea rapidamente com um só wagon, o serviço da linha se tornará mais facil e prompto.

A Memoria indica os meios de remediar qualquer accidente, como rotura do tubo, tropeço pelo gelo, desarranjo de uma caixa etc. sem detença nem risco.

Passando agora á comparação entre o systema actual e o systema proposto, para um caminho de ferro estabelecido com declives variaveis de zero até m. 0,010, prova-se:

Que, neste ultimo declive, dado egual consumo de carvão para a locomotora e a maquina de vapor fixa, e dada a egual velocidade da marcha (14 metros por segundo), o propulsor puxará por uma carga maior quatro vezes e meia do que a rebocada pela locomotiva:

Que no mesmo caminho, passando-se por um declive intermedio entre zero e m. 0,040, o effeito relativo que se obtem será o mesmo. O augmento de velocidade, que tiver logar, naturalmente é independente deste facto.

Donde resulta que diminuindo as despezas de tracção, se poderá baixar o preço de transporte, por conseguinte activar a circulação e facilitar em subido gráu as transacções commerciaes.

A adopção do caminho de ferro hydraulico terá mais duas consequencias importantes: 1.ª porque se poderiam fazer distribuidores geraes de agua em alta pressão em todas as localidades atravessadas pelo caminho de ferro; operações mui vantajosas para as povoações em que se occasionam grandes despezas pelo estabelecimento e entretenimento de maquinas especiaes; 2.º recolher a agua que tem servido para a propulsão nas regueiras lateraes da via ferrea, afim de ser empregada na rega dos campos.

(La Nation.)

AS CINZAS EM RELAÇÃO A ECONOMIA RURAL.

(Concluido de pag. 172.)

A quantidade de cinza que convém espalhar nas terras é relativa á qualidade das cinzas, do terreno, e das sementeiras; é mais prudente determinal-a por meio de ensaios em as localidades onde não está em pratica a applicação deste adubo; não póde, portanto, estabelecer-se a tal respeito senão algumas generalidades; pelo que só diremos: 1.º que são necessarios 20 a 50 alqueires, conforme os terrenos, sendo a cinza de turfa, para um *arpent* commum (geira franceza correspondente a 3490 varas quadradas) de chão lavradio ou de prados: — 2.º que a mesma extensão de terreno só quer metade daquella porção de cinzas calcinadas ou de carvão de pedra, um terço sendo de madeira que esteve n'agua, e um quarto sendo de lenha ou plantas.

A estação propria para espalhar as cinzas nas terras de lavoura, varia segundo a natureza destas e das producções que hão de dar. Sendo terra leve e que absorve a agua, será bom praticar a distribuição deste adubo por duas vezes, a saber metade antes da lavoura, e metade depois da sementeira. Se a terra for compacta e retiver a agua na superficie, poderá empregar-se o mesmo methodo, tendo somente o cuidado de augmentar as doses segundo fôr preciso e não fazer uso das cinzas senão bem seccas. Todavia, no primeiro caso, isto é, quando o terreno é secco, convirá esperar por tempo de nevoeiro, ou que prometta chuva proxima, para espalhar as cinzas que devem ficar á superficie do terreno.

Quanto ao modo de as espalhar, não é livre do inconvenientes; porém, o semeador se resguardará bem cobrindo o rosto com um lenço fino e semeando contra o vento; algumas pessoas aconselharam semear a sotavento, isto é, espalhar do lado donde o vento sopra; porém, a experiencia demonstrou que é preferivel a primeira pratica.

A efficacia das cinzas, applicadas de ordinario ou ao terreno cançado para o restaurar ou ás plantas que se definham para fortalecel-as, já não é problema.

Não concordam, porém, todos do mesmo modo quanto á maneira porque ellas actuam. Comtudo, trazendo á memoria quaes são as partes constituintes das cinzas, é facil explicar como ellas obram. Consideradas como adubos das terras, podem ser comparadas em certo termo ao marne; pelo menos contem as terras que compoem ordinariamente este adubo natural; mas, além disso, possuem substancias salinas deliquescentes em consequencia dos vegetaes de que são residuo e do seu processo e combustão. — As cinzas tem, como tudo o que gosa da propriedade fertilisadora, a faculdade de sugar do immenso receptaculo da atmosphera os vapores que nella circulam; de os reter, e de os conservar com a humidade que resulta da chuva, da neve, do orvalho, do nevoeiro; de obstar a que esta humidade se perca, quer exhalando-se nos ares, quer filtrando-se pelas camadas inferiores e deixando em secco as raizes; de a distribuir uniformemente e transmittil-a mui dividida aos orificios dos conductos destinados a leval-a ao tecido do vegetal, para submetter-se depois ás leis da appropriação. Finalmente, as cinzas obram como agentes chymicos produzindo novas combinações, que são mais ou menos favoraveis ás plantas, segundo os corpos que contém a terra que as recebe.

Visto que as cinzas encerram abundantemente potassa e cal, não admira que tenham propriedades analogas a esta ultima substancia, e que todas as plantas a que se applicam immediatamente sem precaução, nem medida, definhem-se e pereçam como se fossem queimadas pela intensidade dos raios do sol. É tão verdade ser devido este effeito á potassa das cinzas de lenha e aos saes vitriolicos da cinza sulphurica, que essas cinzas lixiviadas não tem a mesma actividade, e é possivel empregal-as com profusão sem risco algum, e mesmo estabelecer nellas vegetação, de que eram o agente mais destruidor antes da lixivia ou barrela. É sabido que as raizes bulbosas vegetam mais prosperamente nas cinzas lixiviadas do que na areia molhada..

Em geral os adubos obram de dois modos nos terrenos. Misturados em differentes proporções preparam-se para os repassar a agua e dão ás raizes a faculdade de seguirem o seu completo desenvolvimento; ou soldam, para assim dizer, as moleculas mui divididas, e fazem com que se não perca a agua nas camadas inferiores, nem as raizes sequem. Portanto, as cinzas pela sua secura, tenuidade de particulas, propriedade que tem de attrahirem a humidade e de a conservarem mui bem repartida, convém ás terras compactas e argillosas, cuja viscosidade diminuem introduzindo-se na sua contextura tenaz, á mancira de cunhas; e essa humidade, reduzida em superficie, humedece sempre o pé da planta sem nunca o alagar.

Quando as cinzas produzem effeito diverso é porque são mui carregadas de alcali, e quem as empregou não se limitou á porporção devida, e o terreno em que foram espalhadas não tinha humidade bastante para lhes restringir a acção; porquanto, disseminadas em terras frias e enterradas pela charrua antes da sementeira, são como a cal, de grande utilidade. Até se podem empregar n'um terreno leve e areoso, mas sómente ligando-se com certa quantidade de argilla, como se mistura muitas vezes a cal com o estrume para augmentar o effeito deste.

Apoiam as nossas observações os proveitosos resultados das cinzas empregadas nos prados artificiaes: o alcali e terra calcarea que encerram estão na justa proporção necessaria para destruir as más hervas e favorecer o crescimento das boas plantas: porém, cumprirá attribuir similhante effeito, como alguem pertende, á causticidade que estas duas substancias adquirem pela calcinação? Não parece verosimil. Se as cinzas mais abundantes em alcali e terra calcarea tivessem acção corrosiva, sem duvida exercital-a-iam sobre todas as plantas, e aconteceria necessariamente que, não obstante a differença dos tecidos, nenhuma haveria que não fosse mais ou menos atacada e destruida; porém, tal não succede.

As cinzas obram primeiro mechanicamente pela tenuidade de suas particulas que dividem as terras fortes e lhes corrigem os defeitos, e depois como materia deliquescente, tendo a faculdade, como já explicamos, de absorver o ar e a agua da atmosphera, decompor estes dois fluidos, e dar aos resultados de sua decomposição as formas que devem ter para cumprir as leis da natureza em a vegetação. Eis o que se pode conjecturar pela experiencia que prova que todos os saes soluveis na agua, todas as terras calcareas que mais se approximam do estado da cal viva, todas as calcinações, são muito uteis como adubos dos terrenos.

Não é, pois, pelo effeito corrosivo que as cinzas, ainda as mais causticas, obram sobre os prados: destroem as plantas parasitas, porque absorvem avidamente a humidade que serviu para o desenvolvimento destas, e de que é necessario superabundancia para sua constituição physica e existencia.

Essas plantas por sua natureza molles, por assim dizer aquosas, tendo as raizes quasi á superficie, ficam por aquelle meio em sêcco, murcham-se e fenecem mortas á sêde. Ao contrario, as plantas que formam os prados, sendo de tecido mais solido e tendo raiz mais funda, fortificada pela edade e os rigores do inverno, não soffrem alteração alguma; desembaraçadas das ruins hervas que as abafavam e lhe tiravam parte da substancia sem proveito algum, recebem nutrimento proporcionado a suas precisões, e reanimam-se; supplantando os musgos, juncos e mais hervas que tornam seccos e acres os fenos, fornecem forragem mais fina e de melhor qualidade.

Assim é que as cinzas obram em todas as circumstancias em que é recommendado o seu uso, quer para os prados artificiaes e naturaes, quer para as folhas dos cereaes que esmorecem na primavera e annunciam colheita mediocre, sobretudo n'um anno frio e humido. Em taes casos o emprego das cinzas é de incontestavel utilidade.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXXIV.

AO LUAR.

(Continuado de pag. 187.)

Apenas ella se callou houve uma pausa, em que a vista dos dois encontrando-se disse muito, em quanto presos e mudos os labios quasi que receiavam deixar fugir a respiração. Logo depois, por um esforço rapido, o mancebo tomou com impeto a mão de Cecilia, que o observava com melancolia apprehensiva, e beijando-lha com mais respeito (se é possivel) do que ternura, exclamou suspirando:

— « Os anjos não são mais puros! Tens rasão, querida, vale mais esse coração do que todas as ambições e grandezas... Feliz aquelle que o merecer e o possuir. »

Ella, ouvindo-o, sentiu vontade de chorar, e com tristeza e algum tremor na voz, não poude suster a queixa com que respondeu:

— « Pareces o principe encuberto do romance. Dizes-me isso com um ar serio, com um modo abatido, que a despedida do rei pouco mais verdadeira podia ser. »

— « Se eu fosse o principe, Cecilia » acudiu elle deixando fugir pelos labios um sorriso contrafeito « não me despedia, ficava! »

— « Ficavas? atalhou ella pasmada. Não querendo eu; dizendo-te o que ouviste? »

— « Sim! Se não levantasses do chão a coroa, e não quizesses subir comigo os degraus do throno, o homem primeiro do que o rei, a felicidade antes do que o poder. Que a apanhasse quem quizesse; que fosse reinar quem a desejasse! Como cavalheiro eu ficava para veres que não menti nem enganei, como amante para conheceres que tinha um coração capaz de intender e possuir o teu. »

— « Ficavas? Não eras rei? » gritou ella com enthusiasmo, lançando-lhe cheia de enlevo e expansão o collar dos lindos braços em volta do pescoço. Pondo-se seria depois, e mudando de tom, acrescentou « Mas eu não devia acceitar! Eu é que era indigna, querendo que o meu affecto te fizesse perder um reino... »

— « Tinhas o meio facil. Estimada, ditosa, e nos meus braços irias fazer um paraiso da solidão do throno, donde eu só desceria para me unir a ti. »

— « Vê as loucuras, que estamos fazendo! » exclamou ella rindo. « Tu a fallares como principe, e eu quasi a julgar-me rainha... Porque não acabamos o nosso sonho? »

— « E um instante. Só não percebo como podendo ser ditosos preferias a infelicidade de ambos! »

— « Nada mais simples, João. E passado o primeiro impeto, quem me assegurava que se não arrependia da desigualdade, achando que a posse do coração de uma mulher não valia a corôa, que lhe punha na cabeça? »

— « É impossivel! »

— « É natural. Sou mais orgulhosa do que julgas. »

— « E se não achasse o throno ainda bastante para a immensa ternura do seu amor? Se

por meios occultos mas irrecusaveis, soubesse que se estimava o homem, e não o rei? »

— « Como o defendes!... Mesmo que isso fosse, eu recusava!... O futuro depende de Deus, e a coroa, quando é maior do que a cabeça, cahe sobre os olhos, e cega-nos!... O padre Ventura (que é prudente), diz que os principes nunca se casam pelo coração; e que os viu sempre infelizes quando se esqueceram do interesse do seu reino. Vês! O povo alvoroça-se, e clama; a inveja e a calumnia seguem-se, e lagrimas e desgraças são no fim o desengano. Contou-me, por signal, a historia de uma rainha de Inglaterra, que era dama, e não princeza; subiu, é verdade, os degraus do throno; porém dahi a pouco tambem subiu os degraus do cadafalso. Que horror! Acabou degolada. Chamava-se... elle disse-me o nome! Chamava-se?.. »

— « Anna Bolena? » acudiu o mancebo mordendo os beiços, com um sorriso amargo.

— « Era Anna Bolena, sim; esta idéa nunca se me tirou do pensamento! »

— « Não sabia o padre Ventura tão curioso de historias! » ajuntou o amante com ironia.

— « Sabe muitas, e todas tristes. E conta-as tão bem! Parece que vemos as figuras, e que estamos ao pé dellas. »

— « Ah! É uma prenda, que lhe invejo. Sabes que vou tendo ciumes delle, do padre Ventura » repetiu no mesmo tom o mancebo constrangendo-se. « Sou capaz de jurar que s. paternidade não parou na historia de Anna Bolena? »

— « Contou-me tambem a da morte de D. Ignez de Castro. Até me disse uns versos tão bonitos, tão suaves!... Chorei com magua, porque não era má e altiva como a outra... »

— « Historias antigas, querida! » interrompeu elle contrariado. « Hoje os reis não degolam as damas; adoram-nas, e pedem-lhes que os façam felizes... »

— « Sim; mas, quando se casam não escolhem senão princezas. »

— « Conforme! Bem poderoso e soberbo monarcha foi el-rei Luiz XIV, e não duvidou offerecer a mão de esposo a madame de Maintenon... »

— « E ella aceitou porque amava o rei, e não o homem. Mas o casamento (disseram-me) nunca se fez publico. Nunca foi declarada rainha. »

— « O padre Ventura tambem te contou isso?.. É muito sabio, e sobre tudo muito previsto... » accudiu D. João com ar pezado.

— « E eu » acrescentou a educanda sem reparar « um homem (rei ou principe) que tivesse vergonha de me chamar sua mulher á face de todos, tendo-me dado o nome em presença de Deus, não havia de amal-o mais! »

— « E se o tivesses amado? »

— « Esquecia-me! »

— « E se não podesses?... Davas depois a mão a outro? »

— « Nunca! A mão sem o affecto era fazer dois infelizes. e para desgraçada bastava eu... Amando o rei, sem esperança, morria para o mundo, e vivia só para o meu coração e com a minha saudade. Tinha em Santa Clara uma cella para me enterrar, e um véu para me esconder... »

— « E que freirinha galante que nos ia tentar na grade!... Mas antes de pôr termo a nosso romance e de dizermos adeus aos principes encubertos, confessa-me: sou curioso, não te enfades: se fosse menos do que pareço? »

— « Amava-te como agora, porque mais não posso. »

— « Agora suppõe um instante, só por fingir, que eu era o principe, em que fallâmos? »

— « Já respondi. Amava-te; a minha vida desde que te vi já não é senão amor; mas amava-te como se chora a memoria cheia de lagrimas do que se perdeu. O rei nunca havia de sabel-o. »

— « Sendo eu? »

— « Sendo tu. »

— « És cruel, Cecilia! Querendo-te ao seu lado, fazendo-te rainha do seu reino e senhora da sua alma! »

— « Não, não, e não! » gritou ella rindo, e negando com um gesto infantil e seductor. Não me vences... Mas dize-me: para isto é que nós aqui estamos? Pediste-me que viesse; escreveste-me que não podias viver se não me visses; e eu com remorsos do encargo da tua morte » juntou sorrindo e passando a mão pelos olhos » vim; obedeci. Quanto tempo queres que espere para ouvir o teu segredo? O que desejas dizer-me?... »

— « Que te amo; que não posso estar longe dos teus olhos... »

— « E depois? » interrompeu ella com outro sorriso repassado de ironia e petulancia juvenil.

— « Querida, o que sinto advinha-o se queres; eu não sei dizer-to! »

— « E se perguntar, promettes responder com verdade? »

— « Como a Deus! »

— « Em que tens pensado, desde que não me vês? »

— « Em ti, só em ti, no desejo da minha alma! »

— « Certo? Não me enganas? Tenho um dedo, que adivinha tudo! E se eu lhe perguntar, e elle me disser?... » accudiu cheia de meiguice.

— « Que nem um momento sahe do coração a tua imagem?... » exclamou o mancebo arrebatado. « Se te disser que amo tanto que não quero viver, senão porque a vida me deixa verte e adorar-te, não achas, Cecilia, que elle diz a verdade só? »

— « Era tão feliz se fosse assim! » suspirou a donzella com timidez.

— « Ouve o teu affecto, e julga o meu! Não sentes, não crês que a alegria, a felicidade que posso ter no mundo só de ti me póde vir? »

— « Não sei » ajuntou ella com fingida indecisão, toda graça. « O coração é tão facil de illudir... O que se deseja engana tanto!... Olha, João, tenho horas de receio e de tristeza; tenho medo ás vezes de mim, do nosso amor!... Não sei porque, ha occasiões em que choro pensando em ti!... »

— « Lagrimas! maguas!... E sabes que de longe os teus olhos reinam pela saudade; e que juntos como agora... »

— « Lagrimas sim, lagrimas de amor! Não ouviste ainda que amargam menos do que as outras? Que nos consolam apezar de tristes? Vamos! Conta-me tudo. O que tens desejado; que pensamentos tem sido os teus, depois que nos apartámos? »

— « Querida, o meu pensamento unico, era ver-te. »

— « Sempre? E o meu dedo a dizer-me que ás vezes... » accudiu ella sorrindo.

— « O teu dedo é um mentiroso, um travesso, que hei de punir com um beijo. »

— « Então lembras-te de mim? »

— « Sempre! O que fiz foi para te vêr unida a mim; o que desejei foi ser senhor da terra para te dizer: O teu amor torna-me mais ditoso. É que o throno sem ti... »

— « O throno sonhado é tão differente do throno verdadeiro! » redarguiu a educanda com malicia.

— « O throno far-me-hia grande para os homens, e desgraçado para mim... Cecilia, nem todos os sonhos são mentira... »

— « E sonhas que és rei? » interrompeu ella sorrindo.

— « Ás vezes » respondeu elle. « Ainda mais. Tambem sonho que és rainha e que te vejo ao meu lado... »

— « Ah! O sonho mente! » accudiu ella com arrebatamento « Digo-t'o eu, se fosses rei, não me vias ao teu lado... »

— « Quem sabe! »

— « Tornamos ao romance? » exclamou rindo e ameaçando-o com o dedo. « Se não te callas com os principes encubertos, faço-me tambem fada, e desappareço. Mas deixemos os gracejos, João, tenho que te fallar serio. Aqui não; debaixo daquelle mirante, aonde nos vamos sentar... Não reparas como estou animosa e como te amo? Estamos sós, ninguem me defende senão a tua honra; ninguem me guarda senão o teu amor; encosto-me ao teu braço socegada, como se fosse ao braço de meu pai... »

E dizendo isto com uma candura cheia de pudor, entrava com o mancebo no mirante forrado de verdura, e cheio de sombra, e obrigava-o a sentar-se com branda violencia. Pegando-lhe depois na mão com um requebro casto e uma ternura expansiva; illuminando-lhe a alma com aquella rara chamma dos olhos, que só a paixão acende, disse-lhe tão sumidas as palavras que a voz parecia um suspiro:

— « Tu amas-me João? »

Elle sobresaltou-se, empalideceu, e levantou a vista anciosa para ella.

— « Amas-me? » insistiu a educanda fitando a vista na sua, e parecendo querer infundir-lhe a alma anhelante no coração. « Se me enganasses ou eu me enganasse, não sabes que não sobrevivia á dor de te perder? »

— « Cecilia! » exclamou soffocado, e batendo-lhe o peito com tanta força, que o ouvia ella.

— « Responde-me! com a tua mão na minha, aqui sós, em presença de Deus, juras-me pela memoria de tua mãe, pela esperança da tua alma, que me amas, que é verdade o que me dizes? »

— « Cecilia! » tornou o mancebo tremulo, e arrastando-se quasi aos seus pés.

— « Vês! » acrescentou a donzella com tristeza quasi chorosa, é melhor desenganar-me. « Antes morrer hoje, do que deixar-me illudir para depois padecer mais; tenho de morrer, que seja aqui. »

— « Se te amo! » exclamou elle pondo-se de pé com um impeto cheio de ardor e de delirio. Não vez, não sentes? o coração que geme de te ouvir, não te diz que amo? »

— « Sim, sim! » exclamou radiosa, pallida de jubilo e curvada ao excesso da sua ventura.

— « Perdoa-me! » eu sabia que amavas; que eras incapaz de mentir... mas sou tão feliz de o sentir, de ler no fundo da tua alma!.. João, não tenho outra vida: e quero-lhe tanto porque é tua! »

— « Anjo da minha luz!.. De joelhos, tu... E eu que devia... »

— « Perdoas-me? Não desconfiei nunca; mas fui louca; fiz-te padecer para dar ao meu coração alguns momentos de felicidade. » acrescentou erguendo as mãos, e devorando na chama da vista fascinante as suas lagrimas lentas e suaves, que pendiam das palpebras do amante, de joelhos tambem e branco da comoção profunda, que o agitava, ao seu lado. Depois erguendo-se e deixando cair dos olhos um raio aveludado, meigo e amoroso, levantou-o com extremo, forçou-o brandamente a sentar-se, e pondo-lhe a mão sobre o seio palpitante, disse com um sorriso adoravel:

— « Estes dois corações estão unidos; fazem um só, não é verdade? Hão de viver e morrer juntos, sempre os mesmos, não m'o promettes? »

Houve uma pausa, em que nenhum fallava, porque as palavras eram nada diante do extasis do espirito. Enlaçadas as mãos; quasi pulsando o peito de um sobre o peito do outro, o pranto extremoso não percebido cahia em fio sobre as mãos aonde se misturava; a respiração, como um suspiro, murmurando sobre os labios, adejava perfumada e inebriante, augmentaudo o delirio e fundindo n'um sentimento unico os doces raptos, em que se abraçavam.

— « Vês que noite serena! Que luar tão branco! Não te faz saudade de ver o céu? » disse ella no fim, como accordando e pondo no firmamento os olhos, cujas pupillas negras, irisadas de reflexos raros tinham o brilho mais intenso e que duas lagrimas mal queimadas enchiam de promessas.

— « Ao pé de ti sinto-o não o vejo! » respondeu o mancebo imprimindo um osculo timido na mão esquecida entre as suas.

— « Cuidas que uma noite destas mais esquece? » Tornou ella baixando a vista sobre o amante, e agradecendo-lhe com um sorriso.

— « Nunca! A alma lembra-se até ao fim dos breves instantes em que foi ditosa. »

— « Sabes que ás vezes chego a ter inveja aos rouxinoes, que veem cantar aqui livres e alegres como a aragem que os affaga!.. Se podessemos voar tambem com o pensamento, deixando fugir o coração!.. »

— « E se estes momentos fossem dias, e se estes desejos fossem a nossa vida mesmo, se como os rouxinoes livres e alegres não fizessemos senão cantar o nosso amor, querias mais ventura, querias outra sorte? » exclamou elle beijando-lhe a mão.

— « Não me faças chorar! A alegria ás vezes é uma dôr! »

— « E sentir na tua a mão leal do homem, que Deus fez o companheiro, o amigo da tua existencia; duas almas em uma só vontade; dois sorrisos em um beijo de eterno amor; ler nos seus olhos o que o teu coração deseja; dizer com a tua bocca o que o pensamento delle espera; tudo isto, que só de imaginal-o está o peito a tremer de jubilo, tudo isto que tornaria o homem tão ditoso que os anjos haviam de ter inveja, não valeria um sacrificio, um pouco de orgulho abatido, um ardor de ambição refreado? »

Fallando assim o mancebo tinha ajoelhado e pegava-lhe com extremo nas mãos, ella com o rosto inclinado sentia o halito do amante agitando-lhe os cabellos; e o brilho dos olhos, radiosos, humidos de paixão, quasi desfallecidos de amor, ia-se fazendo turvo ao sopro inebriante destas palavras, e esmorecia a cada instante em um deliquio encantador. Os labios de rosa, anhelantes e timidos, pareciam chamar os do amante; e presos pelo pudor e pelos receios da innocencia avivaram o coral, ora vencidos do pejo, ora abrazados de desejos. O sim, tremido á flor dos beiços com que respondia com um suspiro, passava apenas pela bocca; e no rosto, palido alternadamente e encendido, mil esperanças e temores, renasciam e se apagavam. Neste delirio invencivel o mancebo vendo aquelle sorriso, que tinha medo de se abrir; lendo naquelles olhos o mesmo que a sua alma lhe pedia, cego, arrebatado de paixão, uniu os labios aos della, em um impeto e o osculo louco tremente e doce, o osculo delicioso do amor virgem voou da alma, deixando escapar em torrentes a ternura, que já não tinha força de se conter.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

POESIAS DE OTTONI.

No acto da invasão franceza era José Eloy Ottoni secretario da embaixada portugueza em Madrid, e presentindo que o conde de Ega, enviado extraordinario, cedia a suggestões anti-nacionaes, cortou por todas as considerações que naquelle momento o pren-

diam junto do conde, e retirou-se para o Brasil. Veio viver de novo a triste vida de pretendente sem nada poder obter, porque apesar de ter abandonado a embaixada portugueza, logo que lhe ella pareceu connivente com o estrangeiro; apesar do eloquente protesto que fez contra os francezes na glosa da celebre oitava de Camões: — *Deu signal a trombeta castelhana*, — publicada em 1808, e colligida em 1828 no Parnaso Brasileiro pelo fallecido conego Januario da Cunha Barbosa, teve o sentimento de ver posta em duvida a sua fidelidade de subdito portuguez. Em varios outros documentos mostrou José Eloy repellir toda a idéa de connivencia com os invasores da peninsula, e notadamente em uma ode aos annos de Jorge IV da Inglaterra, offerecida a lord Strangford, e n'nma serie de dialogos com o titulo *Os amigos da virtude*, de que tem os originaes os seus parentes

Acolhido com frieza pelo principe regente, saudoso da bella sociedade que deixára além do Atlantico, José Eloy Ottoni entregou-se ao estudo da Escriptura Santa, traduziu e paraphraseou muitos psalmos da igreja, e compoz cantigas e versos devotos que alguns jornaes, e especialmente a *Tribuna Catholica*, tem procurado vulgarisar. O *Stabat mater* foi traduzido por esse tempo e o *Miserere*, e a glosa de um dos versetos desta traducção, que já publicámos.

Darei ao benevolo leitor uma amostra da traducção do livro de Job. É o quadro das desgraças que Satan amontoou sobre a cabeça do varão justo, e o da piedade e resignação com que elle soube nesse mesmo transe abençoar a mão da Providencia.

EXTRAHIDO DO CAPITULO PRIMEIRO.

. . . . Risonho e circumspecto
Dos filhos o mais velho á mesa estava
Unido a seus irmãos em doce affecto.
Mensageiro que subito chegava:
« Cessou, eis disse a Job, o amanho á terra,
Que o rude camponez c'os bois lavrava.
Nem jumenta, nem touro orneja e berra.
Absorve o roubo o que escapou da espada,
De repente os Sabeus nos fazem guerra.
Tudo a ruina envolveu, tornou-se em nada
A lavoura e domesticos; apenas
Eu, que á morte escapei fugindo á estrada,
Venho dar-te esta nova. — Oh dôr! E ordenas
Que o teu raio, Senhor, no céo ribombe. . .
Que abraze, ou dobre do teu servo as penas?
Mas antes que o terror das trevas tombe. . .
(Inda aquelle fallava, eis outro grita:)
« Que funesta, que lugubre hecatombe!
Nuvem negra rasgou sulfurea fita,
Que ovelhas consumiu, tragou pastores.
Foi sentença do céo, com fogo escripta. »
Inda não acabava. Eis salteadores.
. . . . . .
. . . . . .
Lá vão camellos! . . . Lá se escuta horrendo,
Triplíce estrondo, que no chão resôa. . .
Quadrupedantes esquadrões batendo.
Rapina e morte os corações magôa,
Da espada o fio vae cortando a eito. . .
Mas que novo desastre o campo atróa!
Rebrama o noto, que traspassa o peito
Da banda do deserto (eis outro clama)
Que abala os troncos no seu proprio leito.
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . Que doloroso
Espectaculo, triste e miserando,
Offerece o Justo em lance perigoso!
Apenas se ergue Job, no chão tombando
Cede ao peso d'angustia que o devora;
Os vestidos n'um extase rasgando,
Tosqueada a cabeça inclina, e chora. . .
Mas o céo, que não tarda, acode ao justo,
Os olhos para o céo volvendo, o adora.
« Do seio maternal se a dôr e o susto
(Clama Job) me arrojou despido e pobre,
Em mágoa e pranto, que eu herdei sem custo;
Á madre terra, que os seus orgãos cobre,
Nú pretendo baixar. Bemdito o nome
Que abate o rico, o poderoso, e nobre!
Tu me déste, Senhor, fartura e fome,
O que eu tinha, era teu, serás bemdito.
Pobreza, injuria, se te apraz que assome. » —
Em tudo quanto Job nos deixa escripto,
O justo, que em seus labios foi discreto,
Não commetteu sequer um só delicto.

HISTORIA PATRIA.

A praça d'Almeida em 1810.

(Continuado de pag. 192.)

Já vimos que no acto da capitulação era governador da praça, isto é, primeira auctoridade militar della, o coronel William Cox; agora accrescentaremos que o seu immediato era o coronel tenente-rei Francisco Bernardo da Costa d'Almeida, servindo de major da praça o tenente coronel Manuel Paulo Caldeira, e de director do trem o major Paulo Fernandes da Rocha.

A ord. do dia de 6 de setembro, tantas vezes citada, louva o comportamento de toda a guarnição, e *mui especialmente* o do governador. Affirma que a explosão sómente apressára a perda da praça mais 15 ou 20 dias; que a villa ficára em ruinas; um pano da muralha derrubado; e que das munições unicamente escaparam as que estavam fóra do paiol; todavia as ord. do dia de 12 de agosto de 1812, e 4 de junho de 1815 em parte contradizem a precedente. Conforme as ultimas, a explosão *não offendeo a muralha*, e não obstante a quasi total perda das munições, a guarnição tinha meios de resistir por muitos dias, pois *ainda não havia brecha*, nem faltava gente para a defeza. De tudo isto conclue Beresford, que sem a perni-

ciosa influencia do tenente-rei, a praça não capitularia tão cedo, e daria tempo a que o exercito anglo-luso se acabasse de reunir para ir soccorrel-a.

Quando Massena assumiu o mando supremo da terceira expedição contra Portugal, resolveu ahi penetrar por Almeida, na fronteira de leste. Em consequencia a sua visinha Ciudad-Rodrigo foi previamente assediada e tomada, (31) comtudo, a 15 de julho já as columnas francezas se apresentavam ante os muros da nossa praça para os reconhecer. (32) Wellington tanto não desconhecia estes movimentos, que desde 28 de abril havia estabelecido o seu quartel general, ora em Celorico, ora em Alverca, e a 27 e 28 de junho o tinha mesmo em Almeida, para cujas immediações chamára o grosso das suas tropas, que Junot avistou quando em fins de junho com o 8.º corpo passava o Agueda. Posteriormente a esta passagem do Agueda, algumas divisões de Massena se encontraram com o brigadeiro inglez Crawford, ou Craufurd, (33) mas este, sem duvida em rasão da grande inferioridade numerica das suas forças, nesse encontro não levou a melhor. Na mesma occasião, pouco mais ou menos, o 6.º corpo atravessou o Coa, tomando posição em Pinhel. Ora, Wellington via o inimigo desenrolar-se diante de si, mas sem o esperar lhe voltava as costas; de geito que foi Silveira com a sua gente, quem nesta campanha victoriosamente se estreou, aprisionando um batalhão de suissos com 500 praças; successo que no moral do exercito de Napoleão produziu cruel impressão. (34) Em fim, as noticias que então chegavam ao quartel general francez, combinavam todas em lhe dar os contrarios sempre em retirada.

De taes premissas póde consequentemente inferir-se que Wellington não tencionava soccorrer a praça; porém se de prova mais terminante se carece, ella ahi vai.

O inglez Coote no precitado cap. 39.º narra a tomada d'Almeida por esta fórma:

« Massena, de quem Napoleão com justiça louvava os talentos militares, sahiu da Hespanha no verão, e á frente de 72:000 homens atacou Almeida. Wellington *não julgou necessario tomar medidas vigorosas para conservar a praça, ou para a soccorrer*, e um destacamento encarregado tão sómente de observar os preparativos do sitio, com bastante difficuldade escapou ao perigo, não obstante o habil comportamento de Crawford. »

Se Wellington não julgou conveniente, ou possivel, tomar medidas vigorosas para conservar, ou soccorrer a praça; se antes quasi a desamparou, como podia o tenente rei ser culpado em não dar tempo ao marechal para a soccorrer?

É, porém, o mesmo general Wellington quem nos vai mostrar, que o seu plano, todo defensivo, consistia em retirar, e não em sustentar nenhuma das praças da raia, quer portugueza, quer hespanhola.

Em 15 de junho escrevia elle a Ch. Stuart. — « Vou pedir á regencia que proclame ao povo, instando que os trigos, apenas ceifados, sejam debulhados, e que ajunte em Lisboa a maior cópia possivel de cereaes. Nós consumiremos muitos nesta cidade, se ahi nos demorarmos, o que *certamente acontecerá*, uma vez que a força inimiga não seja tão grande que nos obrigue a retirar. — E logo a 27 dizia ao conde de Liverpool. — Seria impossivel soccorrer Ciudad-Rodrigo, e fazer levantar o cerco, sem dar uma batalha contra forças que eu sei, até pelas cartas interceptadas, serem *infinitamente* superiores ás que posso oppor-lhes. Não obstante o poderoso desejo e interesse de conservar esta praça, não posso imaginar, que, seja qual fôr a utilidade que aos alliados dahi resulte, se queira que corra eu o risco de ser vencido, tentando salval-a. Tenho animado e continúo a animar o governador a defendel-a; porém tambem não tenho cessado de dizer ao governo, que quando Ciudad-Rodrigo estiver em perigo, tomarei as medidas que os interesses dos alliados me aconselharem, encarando-os sob uma relação mais larga do que a simples conservação de uma praça. — Finalmente, em 13 de setembro ainda ao mesmo conde fallava neste sentido. — A regen-

(31) Sem nenhum esforço de Wellington para lhe acudir, como elle mesmo declarou ao conde de Liverpool em officios de 27 de junho e 25 de julho, que são os documentos n.os 413 e 419 da collecção (*Recueil Choisi*) dos despachos e ordens do dia de W. por Gurwood.

(32) Duqueza de Abrantes nas Mem. T. 13.º pag. 208.

(33) Alguns generaes francezes chamavam a este brigadeiro o valente estorninho — *le brave etourneau*.

(34) Duqueza de Abrantes T. citado pag. 199. A gente de Silveira, diz esta, sendo atacada em *Parba*, venceu as nossas tropas, e lhes tomou um batalhão inteiro de suissos com 500 homens. Mais ou menos 500 homens nas nossas fileiras pouco importava, *mais le moral de la chose était immense en mal de notre côté, en bien de celui de l'ennemi.*

cia portugueza póde ter rasão instando pelas operações offensivas, e eu posso enganar-me no calculo que me ha feito preferir o systema defensivo, mas estou seguro que os generaes, e mais officialidade de ambos os exercitos, principalmente do britannico, acham bom o partido que adoptei, e alguns, se governassem, já teriam o exercito embarcado nos transportes. » (35)

Em face de tão exuberantes provas, não se póde duvidar que não era do intento de Wellington combater por Ciudad-Rodrigo, nem por Almeida, senão retroceder, e mesmo acolher-se aos seus navios se o aperto assim lho requeresse.

Ora, Beresford optimamente conhecia os projectos do seu superior, e os manifestou assim na ord. do dia de 6 de setembro. — « Finalmente Almeida se rendeu, e *póde ser* que em 15 ou 20 dias mais depressa do que esperavamos. »

Todavia, quando se tractava de salvar um coronel inglez do labeo desta prematura capitulação, nem por isso trepidou em se contradizer, dirigindo ao exercito est'outra lingoagem.

« Quando o marechal se lembra, que *nesse mesmo tempo* o exercito alliado havia sido já reunido em as circumvisinhanças de Freinedas por s. ex.ª o sr. marechal general, e que a conducta do tenente rei *impediu*, que houvesse mesmo o tempo, para que o dito sr. marechal general soubesse da infelicidade que havia acontecido á praça, elle não póde deixar de fazer disto menção; não só *para mostrar o mal absoluto á causa dos exercitos alliados*, e particularmente ao da sua patria, de que a conducta do tenente rei foi causa; mas para que todo o official do exercito veja a consequencia, e as vantagens de fazer o que a sua honra lhe pede, sustentando-se em todo o logar até o ultimo momento. O marechal observa, que a praça de Almeida não chegou a este ponto, como conhecia o seu *bravo* governador; nem o haveria chegado em alguns dias; porque ainda que o armazem de polvora houvesse saltado, os defensores da praça, alli estavam com as suas armas, e as suas muralhas *não haviam recebido prejuizo algum*; (36) e o inimigo não tinha menos que fazer os seus aproches, e depois brechas, como se a praça estivesse municiada com polvora. » (37) *(Continúa.)*

(35) Citada Collecção de Gurwood doc. n.º 411, 413 e 441.

(36) Compare-se isto com o que o mesmo Beresford affirmou em outros logares, e com a narração da viuva de Junot.

(37) Ord. do dia de 12 de agosto de 1812. Como aquella viuva nunca nos poupa, escreveu a pag. 197 do tit. 13.º das Mem. — A guarnição de Ciudad-Rodrigo fez o seu dever bem diversamente do que o fez a d'Almeida. A primeira resistiu ainda um mez depois de aberta a trincheira, e só capitulou no ultimo extremo.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Theatro francez. — Publicamos com satisfação o seguinte programma para a nova estação do theatro francez, a qual nos parece deverá ser brilhante pelas excellentes acquesições que o seu intelligente director M. Bernard teve a fortuna de fazer em Paris.

THEATRO DE D. FERNANDO.

COMPAGNIE FRANÇAISE.

Administration — Mr. Jules Bernard, emprezario e director geral.

MM. Dumesnil, régisseur général. — Matta, administrador, Thesoureiro, etc. — Libert, chef d'orchestre (*Porte St. Martin* — Paris). — Hubert, deuxième régisseur. — Rondeau, souffleur — bibliothecaire.

EMPLOIS.

Mademoiselle Pauline Lyons, artiste du théâtre du Palais Royal.

MESSIEURS.

Tony, premièrs rôles (Lyon, Bruxelles, Bordeaux). — Réal, jeunes 1.ers rôles (*Gaité* — Paris, Berlin, Moscou). — Victor Henri, premièrs comiques (*Odéon*-París). — Dumesnil, comiques marqués (*Variétés*-París). — Francisque, jeunes premièrs (Lisbonne). — Roche, financiers, pères nobles (Lisbonne). — Octave Galle, jeunes comiques (*Vaudeville*-París). — Bernard, des comiques (Lisbonne). — Mélin, grimes et pères (Rouen). — Hubert, comiques et utilité (*Délassements comiques*-París). — Alfred, utilité, (Berlin, Brunswick).

MESDAMES.

Pauline Lyons, jeunes, premières, amoureuses. — Troy, premièrs rôles (Nice). — Real, soubrettes, ingénuités (Berlin, Moscou). — Darcemon, coquettes et soubrettes (*Palais Royal*-París). — Olivier, grandes coquettes (Rio de Janeiro). — Crosnier, duègnes (Berlin, Brunswick). — Dumesnil, amoureuses (*Variétés*-París). — P. Fortier, rôles de convenance. — Octavie, idem.

L'ouverture aura lieu très incessamment.

EXTRAIT DU RÈPERTOIRE.

Une Chaine, Gabrielle, Bataille de dames, Le Mari

à la campagne, mademoiselle de Belle Isle, Tartuffe, Le Jeune mari, Le Mariage de Figaro, etc. etc. *Comédies*. Un Changement de main, Le Diplomate, La Chanoinesse, L'Héritiére, l'Omelette fantastique, La Rue de la Lune, La Maitresse de langues, Pauvre Jacques, Le Misanthrope et l'Auvergnat, Les avocats, Le Démon du foyer, La Fiole de Cagliostro, Dieu le veut, Un Soufflet n'est jamais perdu etc. etc. *Vaudevilles*. Les Enfant d'Edouard, (drame en vers.) La Cleserie des Genets, Madeleine, Marianne, Marie Jeanne, Le Camoens, Le Chef d'œuvre inconnu, etc. etc. *Drames*.

Residencia de Abd-el-Kader. — Eis algumas notas geographicas ácerca da cidade de Broussa que vae ser residencia do celebre ex-emir, Abd-el-Kader.

Situada Broussa na Anatolia, a 24 leguas de Constantinopola, fórma com as cidades de Erzerum, Karakissar, Tokai, Angora, Smirna, Bassorá, Bagdad, Diarbekir, Alepo, Mossoul e Damasco, o grupo central por onde passam as caravanas que vem da Persia, Arabia, e Turquia europea. Esta região na remota antiguidade e durante a idade media foi a mais commercial do mundo; porém em consequencia de pouca segurança, falta de estradas, de canaes navegaveis, e de protecção do governo, o commercio actual é apenas uma sombra do que foi n'outras eras.

Apesar de tudo isso, a posição central destas provincias, situadas entre a Europa, a Asia, e a Africa, as ricas producções do seu terreno, a abundancia dos artefactos da industria de algumas de suas grandes cidades, e as caravanas de Bagdad e Damasco, que conduzem á Meca os peregrinos da Europa e da Asia Oriental, concorrem para dar grande actividade ás suas relações commerciaes.

Não mui longe de Broussa, oito leguas pouco mais ou menos, no mar de Marmara está o porto de Moudiané sobre o golpho que tem o seu nome, e que serve de entrada ao commercio de Broussa, por onde esta cidade recebe as mercadorias que lhe expede Constantinopola. Fica proxima Isnik (Nicea) que se levanta no assento da metropole da antiga Bithynia, tão nomeada em rasão do primeiro concilio geral que nella celebraram os ehristãos em o anno 325.

Broussa, formosa por suas fabricas de tecidos de seda, e tapetes, está situada ao pé do monte Olympo e não longe do Nilofer que se passa em muitas pontes. É uma cidade consideravel, bem edificada, de quasi cem mil almas, e uma das mais florecentes do imperio turco. É defendida por numerosos reductos, e dominada por castello de origem muito antiga, adornada de esculpturas romanas. Vastos arrabaldes a rodeam; notam-se entre os seus monumentos as mesquitas e as hospedarias, construidas de cantaria, e além disso os magnificos banhos thermaes, que o sabio orientalista, Mr. Jouanin, descreveu com tanto talento artistico, assim como as bellas e numerosas fontes que aformoseiam a cidade.

Broussa foi residencia dos reis da Bithynia; na idade media tambem foi capital de todo o imperio ottomano até á tomada de Andrinopoli. Hoje nella residem um mollah de primeira classe, um bachá, um metropolitano grego e um arcebispo armenio.

CHRONICA.

É geral no mundo elegante a anciedade pela estrêa da nova companhia franceza. Se dermos credito ás informações de algumas pessoas, parece que gosaremos este anno em D. Fernando noites summamente agradaveis. Pelo menos o pessoal da companhia é numeroso, como nol-o attesta o programma de M. Bernard.

O Gymnasio vae tambem em breve abrir as portas á concorrencia publica. As obras tem continuado com incessante actividade, e o theatro apresenta já no interior um aspecto elegante, e de muito bom gosto, transformação esta devida ao admiravel talento dos srs. Rambois e Cinatti.

Em D. Maria II decretou-se finalmente a *ultima* destruição de Jerusalem, no que lucraram os frequentadores daquelle theatro, que estavam cançados já de ver desabar e surgir de novo d'entre as ruinas os magestosos edificios da capital de Judéa. Representam-se agora ali algumas comedias espirituosas, e dignas de serem vistas.

Ainda não fallámos da noite deliciosa que nos fez passar o sr. Eller no seu concerto no salão de D. Maria II. O effeito que este insigne violinista produziu no numeroso concurso que o escutava com a maior attenção é difficil de se descrever. O sr. Eller é um artista de extraordinario merecimento,—a rebeca nas suas mãos um instrumento magico portentoso. Não só se admira as difficuldades prodigiosas, que elle executa sem o menor esforço, e em que se nota sempre a mais correcta afinação, mas tambem o bom gosto e brilhantismo que presidem a todas as suas composições. Das peças que tocou as que maior enthusiasmo causaram foram a *Reverie* de Vieuxtemps, as variações de sua composição sobre o thema do hymno nacional inglez, e a tão applaudida *Valse diabolique* que elle teve de repetir neste concerto a rogos de muitos dos circumstantes. Ao seu grande merecimento musical o sr. Eller reune a modestia que tanto realce dá ao talento, e as qualidades moraes que o tornam a par de um artista distincto um cavalheiro estimavel. A concorrencia que teve, e os applausos que lhe foram prodigalisados, devem aconselhal-o a dar mais alguns concertos nesta capital, proporcionando aos *dilettanti* o prazer de novamente o ouvirem e admirarem

O sr. Cossoul Junior tambem se distinguiu muito, executando no violoncello uma peça de sua composição, que lhe grangeou vivos e espontaneos applausos. O sr. Dell'Aste teve igual exito, cantando com muita expressão e colorido musical uma linda *romanza* na lingua allemã.

No dia 29 do passado, anniversario natalicio de s. magestade el-rei, subio á scena em S. Carlos uma opera nova *L'anima della tradita*, do *maestro* Flotow. Já na vespera se havia espalhado que esta opera não seria bem acceita do publico: — assim aconteceu. Francamente diremos que nos apartamos da opinião dos que negam a este *spartito* todo o merecimento: pelo contrario achamos que é escripto com bastante conhecimento da arte, tem muita originalidade, e alguns trechos graciosos e de peregrina composição. A musica é um mixto do estylo allemão e francez, e portanto de um genero inteiramente diverso daquelle

a que estamos habituados. Esta circumstancia concorreu de certo para que a opera não agradasse, além de que, o *spartito* de Flotow apresenta muita difficuldade não só para os cantores como tambem para a orchestra, e força é dizel-o, carecia de mais alguns ensaios, para que a sua execução corresse tão bem como era para desejar.

Assim mesmo, e não obstante a indisposição que havia na platéa, madame Castellan agradou muito e conseguiu, contra o preceito marcado pela etiqueta nos dias de galla, ser applaudida por repetidas vezes.

Tem-se fallado muito estes dias das desintelligencias entre a empreza do theatro de S. Carlos e a comprimaria sr.ª Denovani. Consta-nos que aquella artista, queixando-se de que a paga que recebe não é adequada ao logar que occupa na companhia, reclamára ao sr. Porto um augmen o, negando-se a cantar na *Somnambula* por lhe não ter sido deferida a sua pertenção. Estranhos, como somos, a esta pendencia entre a empresa e uma de suas escripturadas, e com o que o publico e a imprensa, no nosso modo de intender, nada tem, não podemos comtudo deixar de desapprovar o passo que deu no domingo a sr.ª Denovani, negando-se a cantar. Este proceder foi filho sem duvida da sua inexperiencia, ou dos conselhos dos que, julgando favorecel-a, não fazem senão compromettel-a perante um publico, de quem ella tem constantemente recebido inequivocas provas de sympathia e benevolencia. Quaesquer que fossem as rasões que aquella artista tivesse para fazer uma reclamação á empresa ou ao sr. Porto, não era esse de certo o caminho que devia seguir para obter o seu intento. Parece que ella reconhecêra a final a irreflexão com que obrára, e que promptificando-se a cantar, não deixára comtudo de expôr as suas queixas perante a inspeção geral dos theatros, onde o sr. conde de Farrobo, cuja competencia nestas materias ninguem poderá contestar, com imparcialidade que lhe é propria resolverá esta questão, como fôr de justiça.

No domingo tivemos a *Lucia*, em que madame Castellan desperta sempre o mais vivo enthusiasmo. O publico não cessa de applaudil-a, particularmente depois do lindo *rondó*, que ella canta com tal perfeição, que nos faz esquecer todas as damas que a precederam no desempenho do papel da interessante e infeliz desposada de *Lammermoor*. Se na *Somnambula* madame Castellan justificou desde logo a reputação de que goza no mundo theatral, na *Lucia* ella excedeu essa reputação, e foi muito além da nossa expectativa.

O sr. Bartolini canta e representa magistralmente a parte de *Asthon*, mostrando-se sempre o artista consciencioso, cujo canto expressivo e dramatico tanto admiramos.

Sentimos que o sr. Prudenza, possuindo uma voz de bello timbre, muito afinada, e cantando com esmero, não dê a devida animação á musica e principalmente á palavra, nas diversas situações dramaticas em que abunda este sublime *spartito* de Donizetti. Por exemplo, n'aquelle lance terrivel do 2.º acto em que *Edgardo* amaldiçoa a amante que julga perjura, — no final do mesmo, e no *duetto* com *Asthon* no 3.º, o sr. Prudenza não imprime ao seu canto e á sua acção a energia e vehemencia proprias da situação. Comtudo pede a justiça que se diga que este artista faz todos os esforços para agradar, e vae conquistando a estima do publico.

Assistimos á academia de poesia extenporanea dada pelo sr. Bindocci no salão do theatro de D. Maria II. O insigne poeta deixou maravilhados todos os que o ouviram. Causa na verdade a maior admiração não só a fecundidade da sua imaginação, as idéas sublimes e elevadas que saem de seus labios á medida que as váe concebendo, e o bello estylo que tranluz em todos os seus improvisos, mas tambem a expressão que anima todas as suas palavras, que ora nos commovem, ora nos arrebatam, obrigando-nos a prorromper em *bravos* espontaneos e repetidos. O illustre poeta tractou com muito exito diversos assumptos que lhe foram apresentados, e entre elles os seguintes *I Vespri Siciliani,—l'Alleanza dei Popoli,—e la Commemorazione dei Martiri per la causa dell'indipendenzo italiana.*

Tambem desenvolveu alguns themas de genero faceto, provocando a cada passo a hilaridade, e os applausos dos circumstantes. O que nos desapontou o mais possivel,—e estamos certos que não produziu menor impressão no sr. Bindocci, — foi vêr uma concorrencia tão pouco numerosa. Estranhámos sobretudo não encontrarmos entre os ouvintes muitos dos nossos talentos nacionaes, que seja-nos permittido dizel-o, bem podiam ter honrado com a sua presença este acto publico de um seu collega estrangeiro, — de um collega que alcançou um nome distincto na republica das letras. DEMETRIO RIPAMONTI.

BIBLIOGRAPHIA.

HISTORIA DO NASCIMENTO, VIDA E MARTYRIO DO BEATO JOÃO DE BRITO DA COMPANHIA DE JESUS, MARTYR DA ASIA, E PROTOMARTYR DA MISSÃO DE MADURÉ, composta por seu irmão *Fernando Pereira de Britto.* — Segunda edição com um importante addicionamento. —Saíu á luz a Historia do Nascimento, Vida e Martyrio do *Beato João de Britto*, natural de Lisboa, martyr da Asia e protomartyr da missão do Maduré, degolado por ordem do regulo de Maravá em odio da fé a 4 de feverciro de 1693, beatificado pelo Papa Pio IX neste anno de 1852, cuja inauguração solemne terá logar na igreja do vaiicano em Roma na primavera de 1853. Esta obra interessante, escripta em estylo classico por Fernando Pereira de Britto, irmão do mesmo beato, impressa em Coimbra no anno de 1722; e agora nitidamente reimpressa com um importante addicionamento que contém muitas noticias sobre o referido Beato, e sobre as missões do padroado portuguez no Oriente, bem como as instancias feitas pela corte e bispos de Portugal para a canonisação deste Beato, e a historia do processo da sua beatificação, e uma gravura com a verdadeira effigie do Beate, e a carta topographica, em lithographia, da missão do Maduré, além de muitas vinhetas, formando um livro de 400 paginas em oitavo grande, acha-se á venda em Lisboa na loja de Lavado, rua Augusta n.º 8, e brevemente estará tambem em Coimbra na loja de José de Mesquita, e no Porto na rua dos Caldeireiros n.º 9 e 10. O seu preço avulso é de 800 réis, e para os assignantes 600 réis, aos quaes tanto em Lisboa como nas provincias será distribuida brevemente.